

ANIMAIS SILVESTRES ATROPELADOS EM UNIDADE DE CONSERVAÇÃO: É POSSÍVEL SOCORRER AS VÍTIMAS SOBREVIVENTES?

V Wildlife Clinic Congress, 5^a edição, de 08/07/2024 a 10/07/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-101-1

BARBOSA; LUCAS GABRIEL DE SOUSA ¹, SALES; LAURA SEMIRA SOUZA ², CHRISTO; LUÍSA DOS SANTOS ³, GERMANO; LUCAS CAMILO ⁴, MASCARENHAS; REBECA MARQUES ⁵, CESÁRIO; CLARICE SILVA ⁶

RESUMO

Gestores de unidades de conservação (UC) enfrentam desafios quando animais silvestres são atropelados e necessitam de atendimento em saúde. Isso decorre da falta de médicos veterinários nos órgãos ambientais, de capacitação das equipes, de local para estabilização dos animais, bem como de dificuldades logísticas e no transporte, na mobilização de equipes parceiras, na destinação ao serviço especializado, no pagamento dos custos e da ausência de políticas institucionais. Essa é uma realidade no Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSC), localizado no sudoeste de Minas Gerais, com cerca de 200.000 hectares de área. Por essa razão, foi realizado um encontro no dia 20/05/2024 entre a equipe do PNSC, do CETRAS-IEF, comunidade acadêmica e voluntários. Discutiu-se sobre a importância das lideranças e responsabilidades, do treinamento da equipe - biólogos do ICMBio, brigadistas e veterinários locais - e da comunicação com a rede de apoio. A Resolução Nº 301, DE 8 DE DEZEMBRO DE 2012 do Conselho Federal de Biologia também foi bastante discutida, sobretudo nos aspectos éticos e das emergências a campo. Considerou-se os entraves e as possibilidades de atuação da equipe local, visando os princípios de biossegurança geral, bem-estar animal, condições de manejo, monitoramento e transporte, estresse e sofrimento das vítimas. O treinamento se iniciou com o levantamento dos grupos mais impactados pelos atropelamentos (cervídeos, emas/seriemas, tamanduás/tatus e lobos-guarás) e detalhamento das principais causas de óbito imediato e respectivas providências (dor, estresse, temperatura, glicemia, oxigenação, hemorragia, lesão neurológica e manejo de filhotes). O Plano de Ação foi traçado em 4 eixos, sendo: 1. AÇÕES EDUCATIVAS (confecção de placas de aviso com contato pelo parque, panfleto e comunicados na portaria, veiculação do fluxograma de ação construído pelo GEAS do IFMG *Campus Bambuí* - "Tem um animal silvestre aqui, e agora?"; ações nas redes sociais e em eventos); 2. REDE DE APOIO (estabelecimento de convênios/parcerias/voluntariado, de base de apoio local aos animais acometidos, busca por financiadores); 3. CRIAÇÃO DE DOCUMENTOS NORTEADORES (Procedimentos Operacionais Padrão, tabelas de doses, contatos emergenciais, check lists, ficha de resgate, etc...); 4. SUPORTE À SAÚDE ANIMAL (treinamentos em contenção físico-química, monitoramento de parâmetros vitais, cuidados no deslocamento, fluxo de comunicação com centros de serviço especializado). Esta iniciativa permanece em desenvolvimento e reforça a importância do trabalho colaborativo, voluntário e interinstitucional na reconstituição da saúde e do bem-estar animal. Ela também reúne esforços para a resolução de outros dois entraves, que são as estratégias em educação e conscientização de turistas e o treinamento de futuros profissionais, fundamentais para a atuação com a fauna silvestre.

PALAVRAS-CHAVE: Manejo de animais silvestres, Emergências em Medicina Veterinária, Resgate de fauna, Anestesia e analgesia animal, POPs

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária do IFMG Campus Bambuí, lucasgabriel.lg202004@gmail.com

² Discente do curso de Medicina Veterinária do IFMG Campus Bambuí, laurasem00@gmail.com

³ Discente do curso de Zootecnia do IFMG Campus Bambuí, luisachristo@hotmail.com

⁴ Discente do curso de Ciências Biológicas do IFMG Campus Bambuí, camilolucasp@gmail.com

⁵ Docente do curso de Medicina Veterinária na UFV, clarice.silva@ifmg.edu.br

⁶ Orientadora, Médica Veterinária, Técnica de Laboratório, IFMG Reitoria, clarice.silva@ifmg.edu.br